

GÊNERO & EDUCAÇÃO FÍSICA: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos

Agripino Alves Luz Junior¹

RESUMO: O texto fala sobre os “estudos de gênero”, enfatizando conceitos e significados considerados, aqui, como desnaturalizadores das diferenças inscritas e tatuadas nos corpos, via definições sociais, estabelecidas em função do sexo. Pergunta, mais particularmente, se a Educação Física, através de suas práticas cotidianas, está ajudando meninos e meninas, homens e mulheres a construir suas identidades de gênero? Que valores, padrões e funções são atribuídos como próprios de cada sexo? Será que a condição de homossexual, definida pela orientação do desejo sexual para parceiros e parceiras do mesmo sexo, é objeto de reflexão no âmbito da Educação Física? Diz, também, sobre algumas idéias do que é gênero e para onde, para que novos sentidos ele caminha, em face do fenômeno contemporâneo que tem dado visibilidade cultural às múltiplas identidades, materializadas nas ações corporais, nos gestos e nas falas.

Palavras-Chave: Gênero; Educação Física; Identidades de gênero.

ABSTRACT: The text talks about “gender studies” and emphasizes concepts and meaning which undo the differences that are imprinted on our bodies by social definitions that were established as functions on sexual differences. It asks, in particular, if Physical Education, though it’s daily, men and women, to build up their gender identity. Which values, patterns and functions are attributed the each gender as typical. Has the condition of being homosexual as defined by the sexual attraction to partners of the same Sex, been the sexual Physical Education to partners of the some ideas of what gender is, and in which new directions it moves taking in to account the com temporary phenomenon which has given cultural visibility to manifold identities, materialized though corporal actions, gestures and ways of speaking.

Key-Word: Gender; Physical Education; Gender of identities.

¹ Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física – GEPPEF. Professor da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, com mestrado em Educação Física: Teoria e prática pedagógica pela UFSC, e doutorando do Programa de Pós-graduação da UFSC na área de Mídia e Conhecimento.

*“As mulheres passaram a fronteira do mundo dos homens escamoteando o lado feminino da vida. Enfrentaram a concorrência no espaço público carregando consigo, escondidas, as raízes do espaço privado [...]. Procuraram assim corresponder ao novo perfil de mulher que emergia de um paradigma. Obedeciam a uma mensagem dupla e contraditória: para ser amada continue sendo mulher. **Seja homem e seja mulher**”². (OLIVEIRA, 1992, p. 48).*

Este ponto de vista remete-nos a uma reflexão que trata das “questões de gênero”. Os discursos sobre essa problemática, oriundos de diversas áreas, tais como a antropologia, a sociologia a história e, também, a Educação Física, possibilita-nos entender que os conceitos já construídos, e que circulam em revistas, livros, e outros meios, produzem certos significados, oferecendo oportunidades para a realização de análises sobre como podem ser reconstruídas as relações de gênero em nossa sociedade, além de renovar as possibilidades de mudanças nos limites entre a manutenção das imagens de homem e de mulher veiculadas na sociedade e a ação pedagógica de diversas áreas do conhecimento, entre essas a Educação Física, cujo condicionamento aos valores e normas sociais, além de produzir certos conhecimentos e vivências que terminam, em consonância com as características biológicas, por perpetuar o sexismo, o desrespeito e a violência.

Nesse sentido, os estudos de gênero, através dos conceitos e dos significados produzidos, “fornecem um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (Scott, 1995, p. 89). Isto se dá, pois, o gênero assume o sentido de representar a construção social e histórica dos sexos, enfatizando ao mesmo tempo o caráter social e relacional dessa construção.

O cerne da definição de gênero pode ser resumido a partir de Scott (1988, p. 14) como sendo “a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Na compreensão dessa autora, o gênero, entendido como elemento que constitui as relações sociais fundadas nas diferenças percebidas (primeira proposição), pressupõe quatro elementos que se relacionam entre si:

² Meu grifo!

- 1) Os símbolos disponíveis culturalmente, evocando sempre as representações simbólicas,
- 2) Os conceitos normativos que tornam evidentes a linguagem desses símbolos;
- 3) As instituições e organizações sociais;
- 4) As identidades subjetivas, cujas interpretações não devem ser reduzidas apenas às concepções bio-psicológicas, pois assim sendo, nega-se o aspecto histórico dessa categoria.

Do ponto de vista da proposição que se refere às relações de poder, Scott comenta que estas devem ser pensadas a partir da noção Foucaultiana, que diz:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede, [...] não se aplica aos indivíduos, passa por eles”. (Foucault, 1995a, p.183).

Outro autor que tem discutido e sistematizado conceitos referente aos estudos de gênero é Robert Connel. Para ele “O gênero é [...] a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos são trazidas para a prática social e tornada parte do processo histórico.

No gênero, a prática social se dirige aos corpos. Através dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais” (1995, p. 189). Assim, as relações sociais engendram as formas de como o feminino e o masculino são construídos, nunca em esferas separadas, mas um em relação ao outro, concordando com o que diz Machado (1992), não em oposição, mas em complementaridade e articulação com outras categorias, tais como, classe, etnia, religião, entre outras.

Sendo assim, a desconstrução da polaridade rígida entre os integrantes do gênero humano – homens e mulheres, torna-se premente. Isto significaria, de acordo com Louro (1997, p.31-32),

... problematizar tanto a oposição entre [...] **[os indivíduos]** quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (**afinal não existe a mulher, mais diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras**)³

³ Meu grifo – Essa análise também pode ser dirigida ao homem , de forma similar.

Para Bourdieu (1995), o corpo é construído pelo mundo social por meio de um trabalho de formação permanente. O gênero precisa de corpos, tanto masculino quanto feminino, sendo o aspecto sociocultural o produtor desses corpos. Nesse sentido deve se questionar se existe alguma possibilidade de construção de identidade a não ser pelos corpos? O corpo constitui-se na referência que ancora a identidade e é significado pela cultura, conforme determinados momentos históricos.

Bordo (1997, p.20), utilizando as idéias de Foucault, explicita que “por meio da organização e da regulamentação do tempo, do espaço e dos movimentos de nossas vidas, nossos corpos são treinados, moldados e marcado pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade”.

No campo da Educação Física, os chamados estudos de gênero têm concentrado os esforços na análise das condições empíricas da formação de conceitos oriundos, de forma mais corrente, dos estudos dos estereótipos relacionados às diferenças entre os sexos evidenciados nas aulas de Educação Física escolar e nas práticas esportivas e de lazer em geral.

As conseqüências oriundas das práticas sexistas na área da Educação Física, segundo Saraiva (1999, p.27-28), podem ser remetidas a três campos:

- a) **biofisiológico** – (relacionado com a performance). Neste, o aspecto motor feminino fica consideravelmente prejudicado em função da pouca oportunidade de participação em atividades corporais, tendo como parâmetro as oportunidades de jogos esportivos oferecidas aos meninos.
- b) **psicológico** – a aceitação da superioridade física do menino, por parte das meninas, muitas vezes leva as mesmas a uma espécie de acomodação e dependência, diferentemente dos meninos que são, desde muito cedo, estimulados para a independência.
- c) **social** – em decorrência de uma série de fatores, por exemplo, os dois campos anteriormente identificados, facilmente se deduzem as conseqüências para o papel social de ambos os sexos.

Isso implica afirmar que, muitas vezes, diferenças de gênero são tidas como diferenças de sexo. Essas diferenças vistas dessa forma, naturalizam perspectivas para o masculino e também para o feminino, como por exemplo: homens são corajosos e mulheres são frágeis; homens gostam da rua e mulheres gostam de ficar em casa, homens gostam de futebol, mulheres gostam de dança.

Michelle Perrot (1988), em seu livro “Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros”, faz um comentário interessante a respeito das idéias da maioria dos pensadores do século XIX, oriundas das descobertas da biologia, e fundamentados nas concepções deste campo atribuíram funções diferenciadas a um e outro sexo, a partir da idéia da existência de duas espécies cujas aptidões e qualidades se fazia necessário demarcar diferentes limites e atuações distintas. Nesse sentido, certas características, tais como: capacidade de decisão, inteligência, o lugar do espaço público são dotes naturais aos homens, enquanto a delicadeza, os sentimentos o cuidado destinam-se às mulheres.

Assim, o conceito de gênero, que se pressupõe fundado nas diferenças biológicas dos sexos, enfatiza as divisões sociais culturalmente construídas, evidenciando um processo de educação (escolar ou não) cujas condutas são, através de certos sentidos/significados, ensinadas/aprendidas via movimentos corporais que, também, são considerados “naturalmente” masculinos ou femininos.

Tem-se, assim, uma construção social e corporal de mulheres e homens inscrita a partir de certos movimentos corporais que se manifestam distintamente para os dois sexos “... o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto dos homens espera-se um caminhar mais firme (palavra que no dicionário vem associada a seguro, ereto, resoluto – expressões muito masculinas e positivas)”. (Louro, 1992, pp. 58-59).’

As relações de gênero na cultura escolar vêm, desde muito, contribuindo para a fundamentação de uma ação pedagógica nas quais as posturas e movimentos corporais são marcados, programados, para um e para outro sexo.

Alguns dos elementos/conteúdos da cultura corporal presentes nas aulas Educação Física admitem, através de suas praticas, que há mesmo toda uma organização e regulamentação onde os corpos são treinados e moldados em função da divisão sexual e social, condicionadas por uma cultura que impõe “normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções” (Morin, 1997, p. 15).

Portanto, há no processo de escolarização de crianças e jovens uma definição de sexo aceita, via regra geral, que mantém nítidas as fronteiras entre os sexos. Trilhar por outros caminhos, para além dessas fronteiras, acirra as tensões que levam meninos e meninas,

homens e mulheres a serem expulsos/as desse “paraíso” colocando-os/as frente a um outro campo - do desejo desviante.

Mesmo na escola mista, a manutenção das representações de homem e mulher continuam a existir nas aulas de Educação Física. A construção social do masculino e do feminino esteve sempre aliada a uma visão dicotômica – corpo/intelecto – exigindo, assim, nas aulas a separação de meninos e meninas tanto em termos de padrões esportivos quanto em normas e gestos a serem executados.

O esporte e a dança, enquanto conteúdos da Educação Física, durante muito tempo adotaram/adotam instrumentos de diferenciação e hierarquização dos sexos a partir das suas práticas. Nas competições pode ser visto claramente essas diferenças desde o ponto de vista da superioridade e inferioridade.

Teorias justificam esses atributos de “superioridade” e “inferioridade” pelo viés bio-fisiológico, que terminam por gerar e perpetuar certos preconceitos que diminuem, em muito, a participação das mulheres em muitos esportes, e dos homens em certas danças.

Nesse sentido é que foram produzidos alguns mitos quanto à participação da mulher no esporte: “a) exercícios e esportes causam danos para o sistema reprodutor da mulher; b) as mulheres não têm a mesma capacidade de resistência que os homens, podendo causar danos à saúde; c) as mulheres têm estrutura fraca, sendo facilmente sujeitas a lesões e; d) o esporte masculiniza a mulher” (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 1986, P.64-5). Supõe-se que a causa, durante muito tempo, da pouca participação das mulheres no esporte tenha sido em função desses mitos que foram difundidos internacionalmente.

Na tentativa de justificar o sexismo presente nas aulas de Educação Física, os professores e as professoras têm se fundamentado em concepções biologicistas que, como lembra Michelle Perrot, naturalizam a construção do corpo feminino mais fraco e o corpo masculino forte, reforçando assim as diferenças.

Nesse sentido é fundamental que se pergunte se no cotidiano do ensino da Educação Física as dificuldades que têm professores e professoras em lidar com o sexismo implícito, interfere no processo de constituição do sujeito e construção da identidade hegemônica: a heterossexual?

- Como, então, o campo da Educação Física, utilizando o conceito de gênero para falar de outros processos de constituição de identidades dos sujeitos (que também são identidades de gênero), pode pensar outras formas de reconhecimento de identidades sexual e social?
- Que experiência o (a) homossexual vivencia nas atividades do campo da Educação Física?

Muito já foi escrito sobre o papel nefasto da colonização ocidental e as violências que dela emerge. A violência contra a mulher é uma das mais comentadas, defendidas e teorizadas, a partir dos estudos de gênero, que são relacionais. Portanto, há de se pensar que as situações de violência, também, configuram o universo masculino, e todos(as) aqueles(as) que estão para além da fronteira hegemônica dos reconhecimentos de identidades sexuais e sociais. Nos dias atuais as identidades homossexuais também são frequentemente violentadas em diferentes formas, e as maneiras como elas são tratadas nos obrigam a pensar sobre a questão da impunidade. Essa luta contra a impunidade parece ser, no meu entender, uma das mais importantes e das mais difíceis hoje, embora, contra a impunidade, seja uma palavra de ordem de lutas específicas dos movimentos das mulheres e dos homossexuais desde o final dos anos 70.

REFERÊNCIAS

- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JACCAR, Alisson e BORDO, Susan R. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos, 1997, (Coleção Gênero, v.1).
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez., 1995.
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *Curso de dirigentes del deporte*. Canadá: Phoenix Press, 1986.
- CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 185-206. Jul./dez., 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995a.
- MACHADO, Lia Zanotta. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: Albertina de Oliveira Costa & Cristina Bruschini, (Orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

OLIVEIRA, Rosiska D. de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SARAIVA, Maria do Carmo. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: ed. UNIJUÍ, 1999.

SCOTT, Joan. Deconstructing equality-versus-difference: Or the uses of poststructuralist theory for feminism. *Feminist Studies*, v. 14, n.1, p.33-50, 1988.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 71—99. Jul./dez., 1995.

Contatos com o autor: agripaluz@hotmail.com